

Edineide e Alvino dão exemplo de convivência com o Semiárido em Pilão Arcado



Na comunidade Tamanduá, em Pilão Arcado, Edneide Brito do Nascimento e Alvino Borges do Nascimento dão o exemplo na convivência com o Semiárido. Em plena estiagem de seis anos, conseguem garantir a segurança alimentar da família e a alimentação dos animais, graças às pequenas infraestruturas na propriedade. A área em que moram foi doada pelo pai de Alvino, dividiu a sua terra em partes iguais para os filhos. Para uso da família, há uma cisterna de consumo humano e uma de produção. O barreiro serve para uso de todos que criam animais na propriedade. Edneide e Alvino tem quatro filhos: Lidiane, nascida em 1992, Alan, em 1994, Darlei, em 1996, e Bianca, em 1998. O casal de netos, com um e dois aninhos de idade, são filhos de Lidiane.

Alvino já morava na comunidade mesmo antes deles casarem em 1992, já que a terra pertence à sua família há muitos anos. A primeira roça que fizeram juntos ainda foi na área próxima a casa dos pais de Alvino. Também já criavam caprinos e galinhas, mas tudo de forma coletiva com a família de Alvino. Eles contam que, naquele tempo, mesmo com os períodos de estiagem, "o que se plantava, dava. O solo era mais rico, as pessoas não usavam tantos químicos para estragar a natureza. A gente esperava a chuva e ela vinha". O agricultor lembra que foi trabalhando com a carroça e com o jumento que conseguiu criar os filhos. Sempre trabalhou de tudo. É pedreiro, carpinteiro, agricultor. O que precisar, ele faz.

Edneide afirma que, apesar da plantação ser boa, essa época era muito mais difícil porque as aguadas eram poucas. "A gente não tinha a facilidade que tem hoje. Tinha de sair de madrugada e andar até três quilômetros para pegar água da cacimba, que ainda era salgada, ruim de beber, mas era a que a gente tinha", lembra. Com os filhos ainda crianças, ela não saía de casa para participar das reuniões da Paróquia com as outras mulheres. Escola boa para os filhos, só para quem podia pagar. Em 1998, eles começaram a se envolver em ações na comunidade para melhorar a qualidade de vida. A construção de um terreiro de raspa coletivo, por iniciativa da Paróquia do município, foi o momento marcante desse ano porque proporcionou capacitações de pedreiro e, junto com o

terreiro de raspa, ainda veio uma primeira cisterna para a comunidade. Nessa época, era uma cisterna para cada três famílias. Edneide diz que o terreiro trouxe também uma visão diferente de como aproveitar a mandioca. “A vida começou a melhorar. Antes a gente só fazia farinha e tapioca, jogava o resto fora. Hoje a gente sabe que serve para os animais comerem”, explica.

Dois anos depois, tiveram a ideia de separar seus animais do cultivo da roça, na parte do lote onde logo construiriam a casa em que moram hoje. A agricultora afirma que primeiro era importante ter a roça para que, quando terminassem a casa, terem alimentos disponíveis para colher. A primeira cisterna da família, já na casa nova, veio em 2005 com apoio do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do município. Foi o momento em que, com os filhos mais crescidos e estudando, Edlene passou a participar mais ativamente das reuniões da Paróquia, vindo a se tornar animadora do grupo em 2006.



A atuação do SASOP na comunidade começou em 2011 com a construção da cisterna calçadão para produção de alimentos. Com a cisterna de produção, eles passaram a receber também acompanhamento e formação para melhorar os quintais e fazer os canteiros com hortaliças, frutas, verduras, legumes. “O SASOP chegou e colocou todo mundo para trabalhar. Antes a gente só se preocupava plantar em feijão, abóbora, mandioca e milho e esquecia da comida das cabras”, diz Edneide mostrando a diversidade de alimentos que tem hoje para a família e a plantação de forrageiras para alimentação dos animais.

Eles recordam que, a cada visita, o SASOP trazia novos assuntos. “A gente nem conhecia a gliricídia. Muitos só chegam e falam. O SASOP chega e bota todo mundo para a prática. Incentiva a gente a fazer. Estimula nossa vontade. A gente jogava fora a maniçoba, mandioca brava e, tudo isso, sabemos hoje que é alimento para os bichos. Hoje a gente tem a mata, tem quintal, tem a caatinga”, comemora Alvino.

Aproveitando que as mulheres já se reuniam na Paróquia, o SASOP propôs que o grupo se organizasse em torno de uma atividade produtiva. A atividade escolhida por elas foi a criação de cabras de leite. Assim, o grupo começou com o apoio de 10 cabras e um reprodutor, além dos materiais para a construção de um aprisco. Hoje, das 10 mulheres, quatro continuam na ativa, mas todas aprenderam a fazer queijos de cabra e outros derivados do leite. Edneide conta que tiveram ainda formação em beneficiamento de umbu para fazer polpa, doce, geleia e compotas, participaram de intercâmbios e fizeram também um curso sobre sementes crioulas.

Realização

Apoio

